

HISTORIA DE REBUS HISPANIAE: UM EXEMPLO CASTELHANO DA CRÔNICA HISTÓRICA DUCENTISTA

Thais Rosário

A palavra “crônica” atravessou milênios, do grego ao latim chegou à língua portuguesa e, nos dias atuais, dá nome a esse gênero discursivo presente diariamente nos meios de comunicação. Mas esse substantivo que comporta o nome do tempo não esteve imune à sua alçada, modificou-se no transcurso da história de modo que, ao tratarmos de crônicas em outras épocas, empregamos adjetivos, tais como “medieval”. Esse exemplo, você deve imaginar, foi deliberadamente escolhido, já que estamos em uma página dedicada ao período que se convencionou chamar de Idade Média.

Falemos então sobre a crônica medieval. Mas será possível fazê-lo sem cair na armadilha de pensar diversas sociedades e mais de mil anos de história como algo estático? Eu não tenho a pretensão de percorrer esse longo caminho que seria o de escrever uma História das crônicas nesse período para tratar de tantas especificidades, sendo assim, restrinjo-me a pensar em uma possível definição para a crônica histórica no século XIII. Para não correr o risco de prolongar o debate ao ponto de não chegarmos a falar sobre o objeto específico deste texto, sirvo-me das palavras da professora e pesquisadora Marcella Lopes Guimarães (2012, p. 70), que trata a crônica como “uma realização discursiva narrativa, construída a partir de pressupostos de uma tradição literária cristã, retomada e recriada por seus cultores, com intenção de verdade, ainda que incorpore elementos ficcionais que servem a essa verdade”.

Dispondo ainda das palavras da professora Marcella (loc. cit.), também é significativo pontuar que a crônica era “construída à volta de um reinado ou individualidade, para legitimar seus promotores e servir de modelo (com exemplos e contra-exemplos) para a sociedade política”. À vista disso, podemos dizer que a crônica foi um gênero da historiografia pleno-medieval e, frequentemente, compunha a historiografia que reis e rainhas fizeram compor, como é possível observar no reinado de Fernando III. Após a unificação dos reinos de Castela e Leão que ocorreu sob a sua coroa em 1230, duas crônicas foram patrocinadas pelo rei e uma outra por Berenguela de Castela, a rainha-mãe.



A dedicatória a Fernando III em um manuscrito do século XV.

ROSÁRIO, Thais. História de Rebus Hispaniae: um exemplo castelhano da crônica histórica ducentista. *Crônicas e Cronistas*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

As três obras foram, posteriormente, chamadas de “crônicas latinas” e são elas: a *Chronicon Mundi* (CM), a *Chronica Latina Regum Castellae* (CLRC) e a *Historia de Rebus Hispaniae* (HRH).

Hoje, sabemos que unificação de Castela e Leão de 1230 foi definitiva, mas deixemos de lado esse olhar teleológico de que a união dos reinos estava fadada a acontecer e a perdurar até a formação de um Estado espanhol e tenhamos em mente que, naquele momento, o que havia no horizonte era uma disputa política e, assim, uma certa imprevisibilidade. Logo, eram imperativas ações para legitimar a reunião de territórios culturalmente diferentes sob um mesmo governo, e as vias para fazê-lo foram muitas, entre elas a composição dessas crônicas.

A partir deste momento, centremo-nos na obra que intitula este texto, a HRH, para apreciar essa questão. Ela foi produzida entre 1240 e 1243 por Rodrigo Jiménez de Rada com o patrocínio do rei e seguiu um modelo compilatório. Contudo, muitas mudanças foram feitas nas outras crônicas e documentos utilizados, e a maioria delas se destaca por adicionar ou alterar textos que ressaltam a centralidade de Toledo na Península Ibérica (FALQUE, 2003, p. 160). Se você nunca ouviu falar de Rodrigo Jiménez de Rada, acredito que chegou a hora de saber que ele era o arcebispo de Toledo e que, ao longo de sua vida, empenhou-se para tentar conseguir a primazia dessa arquidiocese em território peninsular, o que significaria deter um poder considerável sobre decisões que ultrapassariam os limites do reino de Castela.

Mas e os interesses do patrocinador, foram ignorados pelo cronista? Não. Eles também permeiam a HRH, na qual o argumento máximo da unificação dos reinos é o de que leoneses, castelhanos, galegos, asturianos e toledanos tinha um passado comum: o reino hispanovisigodo. A noção desse “povo visigodo” apresentada por Jiménez de Rada comporta os membros de camadas sociais mais altas e politizadas, e que estavam centradas em Toledo, a *urbe regia* (LOMAX, 1977, pp. 588-589). Convergem, então, nesse ponto os interesses do cronista e do patrocinador.

No entanto, isso nem sempre acontecia, nem mesmo na HDR. Houve uma série de acordos realizados entre Fernando III e Jiménez de Rada no início da década de 1240 que indicam um distanciamento entre eles nesse período que corresponde ao de composição da crônica e esse fator pode ter contribuído para a forma como o cronista narra esse reinado (RODRÍGUEZ LÓPEZ, 1994, pp. 300-302). A título de exemplo, posso mencionar que não há na crônica uma exaltação da figura de Fernando III, como acontece com a de seu avô Alfonso VIII e outros reis castelhanos, e que a protagonista de seu reinado para Jiménez de Rada é a rainha-mãe Berenguela, que havia herdado o reino de Castela e renunciado em seu favor.

Dado o avançado do texto, parto abruptamente para o seu fechamento esperando que a minha inaptidão em sintetizar tenha sido capaz ao menos de aguçar a curiosidade que trouxe você ao Sacralidades e a esta leitura. Espero também ter conseguido expressar, por um lado, a relevância do contexto e da inserção do cronista neste se nos propomos a trabalhar (com) uma obra como essa; e por outro, como as crônicas podem contribuir para a análise historiográfica. A HDR, como as suas congêneres contemporâneas mencionadas no início, permite-nos refletir sobre muitas questões, mas, desde uma perspectiva política, é especialmente interessante, acredito, para pensar a imagem que se construiu da monarquia castelhana e leonesa naquele momento que foi crucial para as bases da transformação do poder régio que ocorreu na segunda metade do século XIII.

ROSÁRIO, Thais. *Historia de Rebus Hispaniae: um exemplo castelhano da crônica histórica ducentista. Crônicas e Cronistas*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

Para saber mais

CRESPO LÓPEZ, Mario. *Rodrigo Jiménez de Rada*. Madrid: Fundación Ignacio Larramendi, 2015.

FALQUE, Emma. Lucas de Túy y Rodrigo Jiménez de Rada: el uso de las fuentes. *Cahiers d'Études Hispaniques Médiévales*, v. 26, n. 1, p. 151-161, 2003. Disponível em:

RODRÍGUEZ LÓPEZ, Ana. De rebus Hispaniae frente a la Crónica latina de los reyes de Castilla: virtudes regias y reciprocidad política en Castilla y León en la primera mitad del siglo XIII. *Cahiers d'Études Hispaniques Médiévales*, v. 26, n. 1, p. 133-149, 2003.

ROSÁRIO, Thais. História de Rebus Hispaniae: um exemplo castelhano da crônica histórica ducentista. *Crônicas e Cronistas*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>